



## AS CARTILHAS COMO INSTRUMENTO DE POLITIZAÇÃO NO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1962 – 1965)

## BOOKLETS AS AN INSTRUMENT OF POLITICIZATION IN THE MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1962 – 1965)

Eixo 06 – Educação e Comunicação, cotidianos e práticas de resistência comuns em Paulo Freire

Bianca Sthephanny Martins Gomes<sup>1</sup>  
Cristiano Ferronato<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo sondar as principais diferenças entre as cartilhas *Viver é Lutar e Mutirão*, criadas em 1963 e 1965, respectivamente, averiguando como o período histórico influenciaram no modo em que essas cartilhas foram escritas. O Movimento de Educação de Base (MEB) foi criado em 1961 com a proposta de alfabetizar jovens e adultos das áreas rurais. Como suporte, o MEB utilizava as cartilhas para auxiliar no processo de ensino e politização dos alunos, já que através das investigações de mundo, era possível perceber a necessidade de tomada de consciência crítica dos homens e mulheres por meio da problematização da sociedade. No que se refere à metodologia utilizada nesta produção destacamos que nos ancoramos na pesquisa histórico-documental, tendo como fontes principais as cartilhas citadas. Como aportes teóricos nos baseamos nos escritos de Freire (1967) e Fávero (1983) que são as principais bases desta pesquisa. Como resultados principais destacamos que foi possível concluir que as cartilhas tiveram sua devida importância no período em que foram escritas, sendo reflexo histórico das necessidades da sociedade nos anos de 1960 ao serem utilizadas como instrumentos de ensino e politização dos atores envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Educação Popular; História da Educação; Movimento Educacional.

### ABSTRACT

The *Movimento de Educação de Base* (MEB) was created in 1961 with the goal of teaching reading and writing to young people and adults in rural areas. Hence, MEB created booklets to assist in the process of teaching and politicizing the students, through world investigations, it was possible to perceive the need for critical awareness of men and women through the problematization of the world. For this reason, this article intends to analyze the contents of the booklets *Viver é Lutar* and *Mutirão*, created in 1963 and 1965, respectively, investigating how the historical period influenced the way in which these booklets were written. Regarding the methodology used in this production, we are anchored in historical-documentary research,

---

<sup>1</sup> Universidade Tiradentes (UNIT); Doutoranda em Educação; Grupo de Pesquisa de História e Educação do Nordeste (GPHEN); e-mail: b.martinsgomes@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Tiradentes (UNIT); Doutor em Educação; Grupo de Pesquisa de História e Educação do Nordeste (GPHEN); e-mail: cristiano\_jesus@unit.br.



having as main sources the aforementioned booklets. As theoretical contributions we base ourselves on the writings of Freire (1967) and Fávero (1983) which are the main bases for this research. As main results, it was possible to conclude that the booklets had their importance in the period in which they were written, being a historical reflection of the needs of society in the 1960s when they were used as instruments of teaching and politicization of the people involved.

**KEYWORDS:** Communication; Popular education; history of education; Educational Movement.

## 1 Introdução

O objetivo desse trabalho é sondar as principais diferenças entre as cartilhas de alfabetização utilizadas pelo Movimento de Educação de Base (MEB) em 1963 e 1965, compreendendo o período histórico em que foram escritas.

As fontes aqui utilizadas foram as cartilhas *Viver é Lutar* e *Mutirão*, lançadas em 1963 e 1965, respectivamente. Como a cartilha *Mutirão* possui diferentes livros, utilizamos o 2º livro de leitura para análise por apresentar conteúdos similares à *Viver é Lutar*. Para acesso a essas fontes essas fontes realizamos uma pesquisa nos acervos *online* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo<sup>3</sup> (PUC-SP) e Fórum Educação de Jovens e Adultos no Brasil, por meio do buscador Google<sup>4</sup>.

Para analisar as cartilhas partimos dos escritos de autores como Freire (1967) que aborda a questão da investigação do universo temático na educação de adultos do sertão, base principal para o desenvolvimento das cartilhas do MEB e Fávero (1983) que foi coordenador do Movimento de Educação de Base entre 1960 a 1966 e escreveu trabalhos relacionados aos conceitos de Educação Popular desenvolvidos pelo MEB.

## 2 Dialogicidade para politização

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos anos de 1950, 50,5% da população brasileira não sabia ler ou escrever. Nesse mesmo período, Sergipe possuía uma média populacional de 850 mil pessoas, onde 70% não eram alfabetizadas. Para solucionar esse problema o MEB foi criado em 1961 por Dom

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>. Acesso em: 08/2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://forumeja.org.br/didaticos/meb>. Acesso em: 08/2022.



José Vicente Távora em parceria com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Governo Federal.

A fase inicial foi marcada pela abertura de escolas, busca por alunos e voluntários e produção dos materiais de leitura e escrita. As cartilhas eram produzidas com base no universo vocabular dos alunos, onde havia a investigação e levantamento das expressões populares para contextualização do conteúdo que seria abordado nas aulas do Movimento.

A partir de 1962 as ideias de politização se tornaram mais fortes com a introdução das ideias de Freire (1967) e os alunos param se ser vistos como recipientes de recebimento de conteúdos e passam a ser entendidos como sujeitos ativos na construção de seus conhecimentos. Segundo Freire,

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, p. 37, 1967).

Na educação bancária a cultura que vem do aluno, considerado oprimido, é desconsiderada e substituída pela cultura dos opressores, já que a educação para formação tem como função a constituição de mão de obra qualificada para as necessidades do mercado de trabalho. A partir de 1962, o MEB foi responsável por instituir a base para a Educação Popular no Brasil, entendia-se que ao inserir o sujeito na construção cultural não havia espaço para a permanência das relações de dominação.

Cultura popular tem como um dos principais objetivos tornar as pessoas participantes na criação cultural, de forma que possam se manifestar e se reconhecer como seres que são capazes de gerar valores e significações para sua realidade. Como consequência do entendimento da Cultura Popular, ter-se-ia a politização e a tomada de consciência do povo sobre sua existência. É a manifestação de uma cultura desenvolvida pelo povo com o objetivo de se libertar.

*É popular a cultura quando é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, valores, ideias, obras, são destinadas efetivamente ao povo e respondem às suas exigências de realização humana em*



determinada época. *Leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural* e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido. (FÁVERO, 1983, p. 23).

Através do levantamento das problemáticas sociais e questionamentos, eram ponderadas ações que objetivavam a transformação social. Todos esses passos tinham como consequência buscar a participação política daqueles que estavam matriculados, e tinham acesso às aulas por meio das escolas radiofônicas. Surgiu assim a necessidade da criação de uma cartilha que tivesse como principal embasamento a cultura do público que o MEB queria alcançar, os guiando através da construção da criticidade e libertação frente a opressão. Por esse motivo, em 1963 foi publicada a cartilha de alfabetização intitulada “Viver é Lutar”. Segundo FIGUEREDO (2020)

“O livro possibilitava questionamentos sobre as causas dessas situações [de opressão] e, quando trabalhado na alfabetização, oportunizava, por meio do debate, mudanças de atitude visando à transformação da realidade em torno do trabalho coletivo” (p. 136).

A cartilha, junto às aulas, buscava inserir na alfabetização o processo de construção da análise social do ambiente em que os alunos viviam. Porém, ainda em 1963, o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, ordenou a apreensão de três mil exemplares, envolvendo o lançamento do material em polêmica. A apreensão dos materiais estava relacionada com a dita luta contra o “comunismo no Brasil”, demandada por setores conservadores da sociedade brasileira que buscava eliminar produções que fossem entendidas como subversivas, numa fase que tinha início os movimentos que levariam ao Golpe Civil-Militar de 1964.

Nesse estágio de crise, os maiores sistemas do MEB foram fechados durante 1964 a 1967, sendo eles: Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás e Maranhão.

A falta de verba traz como consequência imediata a ausência de supervisões, treinamentos, reuniões, etc. a ausência destes instrumentos de acompanhamento do trabalho provoca o decréscimo numérico das escolas. (MEB, 1966, p. 15).

A crise financeira impediu todo o funcionamento regular das escolas, seja no corte de funcionários, diminuição da satisfação profissional dos que restaram, medo de perseguição e prisão, trabalho sem qualidade que se queria, o que ocasionava na



diminuição de alunos interessados em participarem das aulas. Foi necessária a reformulação do Movimento de Educação de Base e dos materiais utilizados.

O primeiro e segundo livros de alfabetização denominados Mutirão foram apresentados em março de 1965 e contaram com a colaboração dos participantes para, posteriormente, serem utilizados nas escolas. Bispos e padres de todo Brasil estavam presentes para darem suas contribuições nas alterações necessárias para circulação da cartilha. Essa ação foi necessária para evitar as polêmicas que envolveram o lançamento da cartilha *Viver é Lutar* em 1963.

### 3 Das cartilhas

*Viver é Lutar* era composto por 30 lições estruturadas com afirmações sobre a realidade, pensamentos do personagem principal e perguntas que objetivavam gerar a dialogicidade ao final das lições, junto à atividades escritas. Na cartilha, acompanhamos Pedro, agricultor, a partir do momento em que passava a questionar sobre sua realidade descobrindo a existência das escolas radiofônicas e passava a participar das aulas, até seu envolvimento com sindicatos rurais para melhoria da sua comunidade.

A partir daí percebemos que ensinar o aluno a pensar e questionar sua realidade é subversivo por setores conservadores, por isso o MEB passou a ser associado ao comunismo, devido as “cartilhas subversivas dos Bispos”. Após a instauração da Ditadura Militar e dos Atos Institucionais, houve a perseguição aos trabalhadores e voluntários dos movimentos. Por isso a reformulação do MEB foi necessária.

A cartilha *Mutirão* se colocava como uma resposta ao novo período ideológico e político brasileiro. A adaptação das cartilhas foi a chave para que o Movimento continuasse alfabetizando sem sofrer represálias.

Mutirão pareceu-me tímida com respeito à conscientização para o desenvolvimento e à politização. Continuo convencido de que não se pode construir a democracia sem a participação consciente e organizada do povo, o que exige educação de base. Considero o MEB como um campo privilegiado de engajamento para adultos cristãos, junto com todos os outros que respeitam a dignidade humana. (*apud* KADT, 2007, p. 231).



Mutirão tem seu contexto pautado na solução de um problema pessoal junto às pessoas da comunidade, vide o nome, precisando ter assuntos considerados menos subversivos ou que fossem abordados de forma mais sutil, para que pudesse circular.

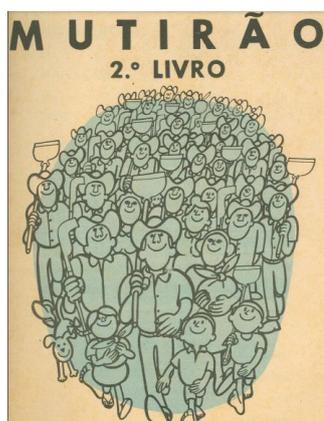
**Figura 1** – Capa da Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos, 1963



Fonte: Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>. Acesso em: 08/2022.

Observando a capa acima, percebemos que esta apresenta uma sala de aula feita de barro, onde os alunos podem ser observados sentados à mesa e o monitor pode ser visto escrevendo na lousa. Daí já observamos o objetivo do MEB de gerar discussões tendo como base temáticas que vêm da realidade dos alunos. No centro da mesa está presente o radiocativo, um dos principais agentes das aulas.

**Figura 2** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965



Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf). Acesso em: 08/2022.

A cartilha Mutirão apresenta em sua capa desenhos de trabalhadores do sertão com ferramentas que fazem parte do seu dia a dia, cercados por sua comunidade. Na

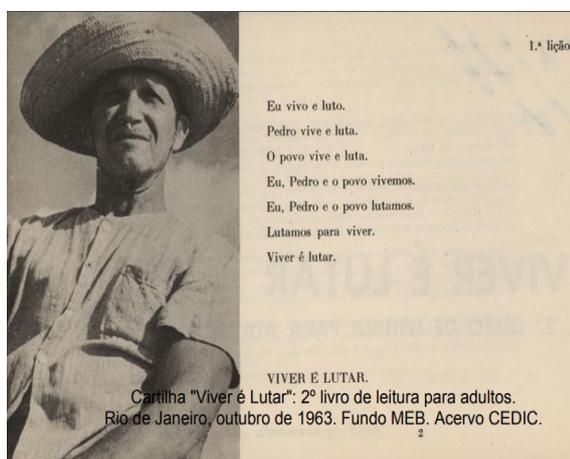


página 2 pode-se ler: “Escolhemos um texto em forma de versos de cantador porque é uma forma tradicional de transmissão do conhecimento em regiões do interior do Brasil, inserindo-se, assim, **MUTIRÃO** na tradição do cantador, da literatura de cordel” (MUTIRÃO, livro 2, p.3, 1966).

Através desse trecho é possível perceber que o alicerce da educação popular ainda estava presente neste texto de leitura, valorizando a cultura que vem de dentro e do povo, algo já conhecido pelos alunos. O enredo do Mutirão é feito a partir do homem e sua relação com sociedade e a natureza, levando em consideração os aspectos político, históricos e culturais que cercam sua vida, contemplando a família, amigos e religião, fazendo os alunos refletirem acerca da sua inserção na comunidade.

Nesse sentido Viver é Lutar tinha o homem e sua *práxis* no mundo como principal base da cartilha. Se opõe no momento em que as lições eram carregadas de questionamentos que faziam os alunos analisarem a realidade em que estavam inseridos:

**Figura 3** – Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos, 1963



Fonte: Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>. Acesso em:08/2022.

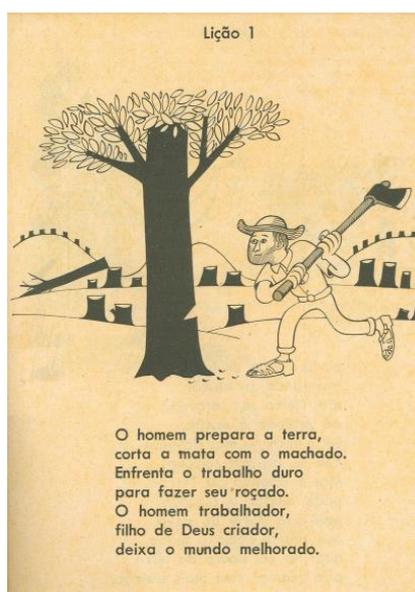
São trazidas reflexões tendo como base seu dia a dia com família, educação e política, onde o leitor passa a observar a forma em que Pedro – personagem que gera reconhecimento sobre si – está inserido na sociedade.

A geração do debate por meio das cartilhas está diretamente ligada com as ideias de Freire (1967) de utilização do universo vocabular do aluno para construção das aulas e materiais. Ao levar em consideração as vivências dos alfabetizandos, o Movimento



acabava por contextualizar as aulas com base na cultura popular, instigando os alunos a continuarem presentes nas aulas.

**Figura 4** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965



**Fonte:** Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) . Acesso em: 08/2022.

A primeira lição da Cartilha Mutirão tem relação com os novos caminhos tomados pelo MEB após 1964, com enfoque na catequização dos alunos, que foi “deixada de lado” após a prioridade sob a politização advinda em 1962.

Na imagem abaixo é possível observar um fazendeiro prestes a continuar o corte de uma árvore. Atrás dele há vários tocos de árvore, que podem fazer alusão ao desmatamento, podendo levantar uma discussão em sala, mas que não possui relação com o texto que está sendo apresentado. A cartilha possui formas sutis de levantar discussões e fazer críticas ao momento passados pelos trabalhadores rurais. Mutirão possui uma tônica tênue entre crítica e timidez, receio.



**Figura 5 e 6 – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965**



Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) Acesso em: 08/2022.

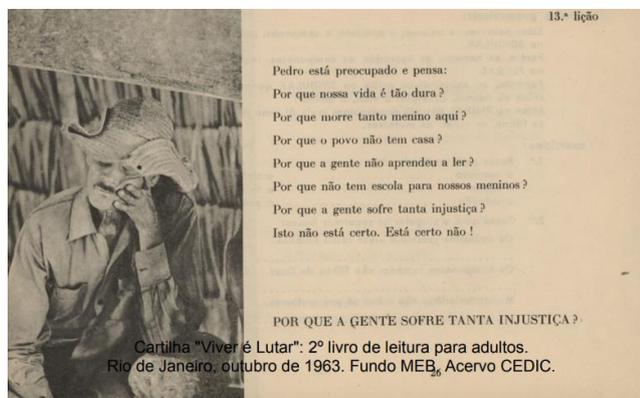
A segunda lição da Mutirão apresenta reflexões sobre a divisão de terra, fazendo alusão à reforma agrária, que estava em forte discussão alguns anos antes. O envolvimento do povo do sertão era essencial para que o projeto de divisão e distribuição de terras fosse feito de forma justa, por isso eles deviam ser incentivados à luta pela terra que trabalhavam, para que não ficassem dependentes de grandes agricultores, representado por uma caricatura de pessoa esnobe num cavalo. Dessa forma, conscientiza-se o alfabetizando sobre o Estatuto da Terra que pode auxiliá-los na busca pelos seus direitos de mais terra que não está sendo aproveitada.

Ainda que a segunda lição levante questionamentos sobre a divisão de terra para que todos os trabalhadores rurais possam produzir, a terceira lição volta com a ideia da luta junto à comunidade e trabalho em equipe, reforçando a ideia de que, para o agricultor, tudo é possível em cooperação com o mutirão.

No segundo livro de leitura da Viver é Lutar não é abordada a questão da reforma agrária, pois o principal objetivo é a valorização da arte popular e utilização da cartilha para conscientizar sobre assuntos como o poder do voto, existência de sindicatos e cooperativas que auxiliem o trabalhador rural e operário.



**Figura 7** – Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos, 1963



Fonte: Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>. Acesso em: 08/2022.

A partir do momento em que Pedro toma consciência da vida ao seu redor e de como o trabalho do camponês é difícil e cercado por injustiças, ele passa a procurar uma forma de lutar pela melhoria de vida. As lições seguintes são reflexos da politização feita pelo MEB e a forma em que os alunos eram guiados a conhecerem sobre seus direitos e lutarem politicamente pelas reformas necessárias. Pedro conhece os treinamentos e sindicatos, e no seu processo crítico percebe que a participação do povo nas decisões governamentais é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e que os trabalhadores possam ser críticos para perceberem e se libertarem de uma situação de exploração.

A educação visa, portanto, à ação. Ora, a ação humana tem três requisitos essenciais. Em primeiro lugar, o homem age diante de um fato que é real para ele; é, portanto, imprescindível que ele tome consciência da realidade sobre que vai agir. Ao lado disso, o homem assume uma atitude diante dessa realidade, Atitude que surge a partir dessa consciência da realidade. Para que a atitude se concretize em ação, o homem parte sempre dos meios que lhe oferece a cultura (sejam esses meios instrumentos físicos, verbais, etc.). A organização didática de uma ação educativa não pode, portanto, deixar de situar-se nesses três planos: conscientizar, motivar atitudes, proporcionar instrumentos de ação (MEB, 1964, p. 1 apud FÁVERO, 2006, p. 180).

A cartilha Mutirão intenta incentivar a conscientização e ação sutilmente durante suas lições. Sendo escrita após o Golpe Civil-Militar de 1964 foi necessário a adaptação do conteúdo para que o MEB pudesse continuar alfabetizando jovens e adultos, de forma que não fosse considerada subversiva. Em março de 1965, a cartilha foi



apresentada e as modificações foram feitas com o auxílio daqueles presentes. Isso não significa dizer que o movimento deixou de lado suas características de politização dos alunos, mas foi uma forma de se adequar ao período de crise que estava passando.

**Figura 8** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965



Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) Acesso em: 08/2022.

Nas lições posteriores percebemos os questionamentos de alguns personagens sobre suas condições de vida e trabalho, como na seguinte passagem: “Trabalho é necessidade, é até obrigação, e se deve trabalhar p’ra alegrar o coração” (lição 10). Há a definição do conceito de trabalho em mutirão para o desenvolvimento da sociedade, ao mesmo tempo que apresenta a importância do cumprimento dos deveres e da cooperação entre os trabalhadores para que lutem pelos seus direitos.

**Figura 9** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965



Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) Acesso em: 08/2022.



Em ambas cartilhas, há o destaque que apenas os homens, em conjunto e cooperação, são capazes de exigir e realizar mudanças e libertar uns aos outros de situações de controle e opressão enfrentadas, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1967, p.33).

**Figura 10** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965



Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) Acesso em: 08/2022.

Diferente da cartilha *Viver é Lutar* que convida o aluno à luta de forma explícita, *Mutirão* apresenta a temática de forma ainda apreensiva. Apenas na lição 24 é mostrado a união da comunidade para fundação de um sindicato. O sindicato (e também as cooperativas) é apresentado como forma de buscar justiça e lutar pelos seus direitos com apoio das pessoas que fazem parte de uma comunidade.

As lições posteriores voltam ao assunto da cultura popular, valorizando festas rurais como reisado e xaxado, e artistas de rendas e bordados que se destacam nas áreas rurais. O mesmo acontece em *Viver é Lutar*; em ambas cartilhas as festas populares são mencionadas como forma dos responsáveis comemorarem a fundação do sindicato. Nas duas cartilhas Mestre Vitalino foi citado de maneira honrosa.

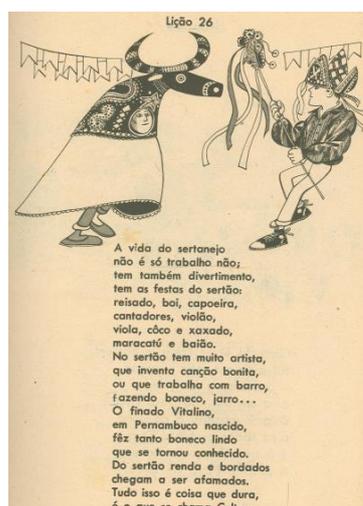


**Figura 11** – Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos, 1963



Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf> Acesso em: 08/2022.

**Figura 12** – Cartilha Mutirão: 2º livro de leitura, 1965

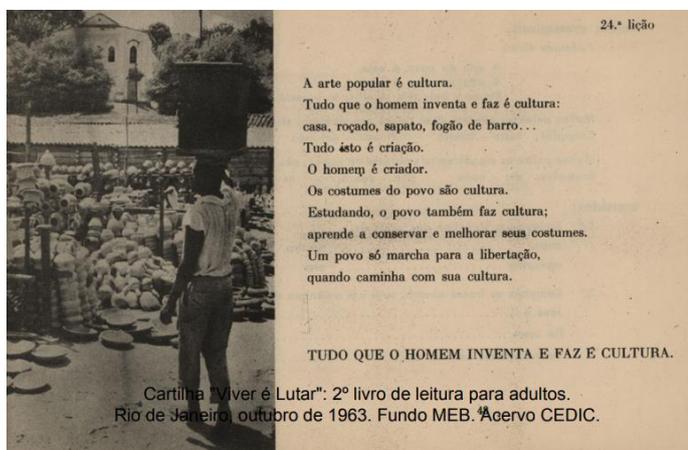


Fonte: Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) Acesso em: 08/2022.

A Cultura Popular desenvolvida através da educação pode ser compreendida como fonte de esperança para as comunidades que são atingidas por ela. Sendo a Cultura Popular é uma das formas observar o mundo ao seu redor, questioná-lo e problematizá-lo com o objetivo de buscar as melhorias necessárias para que seja construído um lugar melhor, rompendo com a “cultura do silêncio” denominada por Freire (1992) uma forma dos opressores desconsiderarem o que foi criado e é valorizado pelos oprimidos.



**Figura 13** – Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos, 1963



Fonte: Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf> Acesso em: 08/2022.

A celebração da cultura popular continuou a fazer parte do Movimento de Educação de Base até no seu período de reformulação, visto que o povo era a principal base do Movimento e eles, junto à sua cultura, ainda precisavam ser celebrados. Os alunos precisavam reconhecer que sua cultura era tão importante quanto àquela que vinha de fora e por diversas vezes lhe foram impostas.

A valorização da cultura que parte do popular se mostra a partir da necessidade de se reconhecer como humano e pessoa ativa numa sociedade e que, apesar das dificuldades enfrentavam, o povo ainda tinha uma comunidade com quem podiam contar. Tendo como a arte forma de expressar suas lutas e sofrimentos, mas também vitórias e conquistas na luta pela liberdade.

Ambas cartilhas deixam explícita a importância do povo do sertão e operários estarem envolvidos com campanhas eleitorais e que votem, contudo ainda de maneiras distintas. Mas destacam é possível trazer a liberdade do povo através do voto em um candidato que os represente.

## Considerações Finais

A educação popular parte do pressuposto de que todas as pessoas são produtoras de cultura a partir do envolvimento político-social.

Em seu centro emerge a preocupação com a participação política das massas a partir da tomada de consciência da realidade brasileira. E a



educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão ‘educação popular’ assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando controlá-lo, manipulá-lo e ajustá-lo à ordem dirigente. (SAVIANI, 2019, p. 317).

Por isso que o Movimento de Educação de Base é classificado como movimento de educação popular, pois contribuiu com a tomada de consciência política, bem como ação para gerar as mudanças sociais requeridas. Por meio das aulas do MEB, os alunos aprendiam o básico para lutarem pelos seus direitos, bem como o da comunidade bem que estavam envolvidos.

As cartilhas tiveram como função auxiliar ao longo das aulas e para tal, utilizavam da vida ao redor das comunidades onde haviam as escolas. A cartilha Viver é Lutar lançada em 1963, trouxe debates explícitos sobre as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. As lições eram feitas com afirmações seguidas por questionamentos sobre o tema do dia. Foram abordados o direito ao voto, estudos e tomada de consciência que levaram a criação dos sindicatos para que o povo pudesse lutar junto por seus direitos e liberdade.

Mutirão foi lançada em 1965 e tinha como objetivo atender as novas necessidades que surgiram no Movimento de Educação de Base após o Golpe de 1964. Apresentou temas importantes como direito ao voto, formação de sindicatos e a cartilha estava envolta na ideia de cooperação entre trabalhadores e suas comunidades. Ainda que possa parecer mais rasa ou tímida em suas abordagens, Mutirão também prezou pela valorização da cultura popular em suas lições e trouxe a questão dos sindicatos: “Lutemos unidos todos, Sem temor e sem vaidades; Pois unidos venceremos, As nossas dificuldades. Unidos tudo podemos, Unidos seremos fortes; A mão de Deus ajudando, Garanto, seremos fortes”. (Mutirão, lição 40).

Tendo isso em vista, é possível concluir que ambas cartilhas prezam pela inserção popular na construção cultural, contudo de formas adequadas para o período histórico em que foram escritas. Destarte, Viver é Lutar não é mais importante que o Mutirão ou vice-versa, mas são formas distintas encontradas para difusão da ideologia do Movimento de Educação de Base que, diante das dificuldades enfrentadas, continuou prezando pela alfabetização de jovens e adultos rurais através do rádio.



## Referências

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

Movimento de Educação de Base. **Cartilha Mutirão**: 2º livro de leitura. 1965. Disponível em: [http://forumeja.org.br/files/mutirao2\\_pdf.pdf](http://forumeja.org.br/files/mutirao2_pdf.pdf) . Acesso em: 08/09/2021.

Movimento de Educação de Base. **Cartilha Viver é Lutar**: 2º livro de leitura para adultos. Outubro de 1963. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf> Acesso em: 08/09/2021.

Movimento de Educação de Base. **Relatório Anual**: 1963. Fundo do MEB. Acervo CEDIC. 1963.

Movimento de Educação de Base/Pernambuco. **Relatório Anual**: 1964. Fundo do MEB. Acervo CEDIC. 1964.

Movimento de Educação de Base. **Relatório Anual**: 1966. Fundo do MEB. Acervo CEDIC. 1966.

NASCIMENTO, Acácio Figueredo. **Fundamentos Histórico Educacionais do Movimento de Educação de Base (MEB) e do Movimento de Cultura Popular (MCP) em Sergipe, no período de 1958 a 1964**. 2020. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Universidade Tiradentes, Aracaju, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 5ª ed. 2019.